

APRESENTAÇÃO

Este dossiê é o resultado do diálogo de experiências em torno da formação de Redes de Ação Feministas em Abya Yala. O projeto de conectar duas redes feministas de pesquisa-ação (uma delas do Brasil e outra do México) por meio de uma proposta de estágio de pós-doutorado em 2022 derivou, entre resultados que incluem a amizade feminista, na importância de problematizar, estendendo-se a outras vozes que ecoam na América Latina.

No final de 2022, a revista “Momentos” da FURG lançou edital para dossiê. A partir desse edital, entendemos que seria uma boa proposta sistematizar um pouco da pesquisa de pós-doutorado realizada por mim, docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, no Programa de Estudos Feministas, Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, sob a supervisão da Professora e pesquisadora Dra. Mónica Cejas. Com a proposta de pesquisar Redes Feministas na América Latina, o período de pós-doutorado trouxe desafios, imaginações e inquietações. Uma delas foi a ideia desse dossiê, em que podemos sistematizar muitas de nossas discussões, bem como reunir mais companheiras que fazem reflexões e ações sobre tal temática.

As questões que lançamos na convocatória aludem a isto: quais são os desafios-desconfortos que nos movem à ação em nossos respectivos contextos? Quais as genealogias das nossas práticas em rede? Quais (agendas) e quem (inter)ligamos e por que? Como são organizadas as práticas, estratégias e agendas de ação de significação? Como geramos conexões de rede? Como nos cuidamos, ou seja, existem estratégias de cuidado/práticas de cuidado-autocuidado entre os integrantes das redes? Como resolvemos nossos conflitos como feministas nos diversos processos de ação em rede?

Concordamos com as autoras dos nove artigos que compõem este dossiê em que a condição estrutural de uma realidade marcada pelo capitalismo neoliberal, que reproduz e perpetua a colonialidade nas suas múltiplas expressões (racismo, sexismo, classismo e suas concomitantes desapropriações), aparece como um obstáculo e novamente em nosso caminho

Nós que coordenamos este dossiê partimos da consideração das redes de ação social como instâncias que interligam mulheres e grupos (coletivos), gerando agendas que implicam compartilhamento de informações, conhecimento, recursos e serviços. Essas redes têm ou aspiram a um determinado âmbito (local, regional, internacional etc.), estabelecem seus

métodos de conexão (virtuais e presenciais, pontos de encontro, etc.) e suas relações funcionais (organização dentro da rede que de alguma forma estabelece maneiras de conectar dentro e fora delas).

O primeiro texto do dossiê ***“Redes feministas para uma educação transformadora”*** as autoras Amanda Motta Castro, Sara Amelia Espinosa Islas e Desirée Pires, tem como objetivo discutir a formação das redes feministas, em especial a Rede Feminismos Cultura e Poder, criada no México, e o Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez, no Brasil. Ambas as redes são compostas por feministas pesquisadoras que também atuam como docentes em universidades públicas. O texto demonstra a importância das redes e que essa união nos mostra que não estamos sozinhas.

O artigo seguinte é intitulado ***“São Cristóvão das casas: primeiro nó para tecer a rede ‘feminismo(s), cultura e poder: diálogos do sul’***. Este artigo conta do encontro realizado em 2019 em São Cristóvão das Casas, Chiapas, México. Aqui as autoras Mónica Cejas, María Teresa Garzón Martínez e Merarit Viera Alcazar apresentam um primeiro nó para a construção da Rede ‘Feminismo(s), Cultura e Poder. Diálogos do Sul’. As autoras sistematizam como foi esse encontro e como se posicionaram como feministas do Sul, discutindo as condições e as relações de poder dentro das universidades, localizando os eixos que podem articular o trabalho conjunto e imaginando estratégias para curar e continuar a luta feminista, de um compromisso intelectual que enfatiza a relação entre cultura e poder.

Neste contexto, os compromissos acadêmicos implicam práticas restaurativas, incluindo compromissos de autonomia, criatividade, horizontalidade e ocupação de espaços.

Nesse contexto, os compromissos acadêmicos implicam e as práticas restaurativas que isso implica, incluindo compromissos de autonomia, criatividade, horizontalidade e ocupando espaços.

No artigo ***“Redes de mulheres negras: vozes negras plurais”***, as autoras Nima Imaculada Spigolon e Lucineia Chrispim Pinho Micaela propõem entrelaçar diversas temporalidades para destacar o coletivo ativista das mulheres negras no Brasil e seus resultados expressos em seu próprio pensamento, legislação e políticas antirracistas e antissexistas. Ancoram-se temporalmente em eventos coletivos de âmbito nacional e nas trajetórias de mulheres como Almerinda Gama, Lélia González e Luiza Bairros. Ao concentrarem a análise nas últimas décadas do século passado e nas primeiras décadas do atual, convidam-nos a refletir

sobre uma práxis feminista plural que permite a ação em movimento por meio de múltiplas estratégias. As vidas individuais de Almerinda, Lélia e Luiza tornam visíveis os grupos nos quais seu pensamento está inserido, seus contextos e os desafios que enfrentam para uma ação transformadora numa perspectiva antirracista e feminista, especialmente aquelas mais afetadas por múltiplas opressões.

Diante do individualismo desmobilizador típico do sistema capitalista neoliberal, é crucial reconhecer a importância nodal de uma educação que reverta essa tendência e viabilize a construção de redes de ação baseadas no coletivo.

A pedagogia, como campo do conhecimento que reflete sobre a educação, é discutida em *“Pedagogia feminista ou formação para a virtude”*. A autora Selen Arango Rodríguez nos apresenta seu duplo campo de atuação: a pedagogia crítica e a crítica cultural feminista. No artigo, ela desenvolve ambos os campos de atuação e suas propostas transformadoras, encerrando com uma crítica à pedagogia crítica a partir da pedagogia feminista.

Na sequência, os escritos de *“Práticas artísticas entrelaçadas: estratégias, redes, afetos”* de Minerva Ante Lezama e María Laura Ise revelam uma teia feita de afetos, onde práticas artísticas são postas em ação para conectar geografias distantes. Suas histórias autobiográficas, apresentadas em duas vozes (a pessoal de cada uma e a do nós coletivo), contextualizam as múltiplas opressões que enfrentam como mulheres artistas que se reconhecem como feministas e o processo de reconhecimento de si mesmas para tecer uma trama crítica situada a partir do Sul global. O pensamento feminista permite-lhes entrelaçar experiências e conceitos para falar da amizade, da experiência, do corpo-território e dos afetos potenciados numa prática artística feminista. Eles também nos dão sua própria receita para criar a dois em um contexto tão individualizante.

O artigo de título *“Entre nós, quebras e ligações: Redes feministas entre o inesperado e o cálculo do poder instituído”*, percorrem experiências locais de organização feminista na Argentina. O objetivo da autora Gabriela Bard Wigdor é localizar pistas úteis que permitam identificar as pressões que desarmam as redes feministas ou atentam contra elas, bem como as possíveis resistências criativas para se opor à lógica totalitária do poder instituído. Desta forma, reconhece-se a relação entre as apostas micropolíticas da criação contra e com o poder; as dificuldades que os feminismos enfrentam para resistir às pressões institucionais e à necessidade de sobrevivência individual em contextos heteropatriarcais e capitalistas.

No texto *“História política, mulheres e feminismo negro em movimento: o Grupo Lélia Gonzalez no Brasil”* as autoras Ana Lúcia Silva e Raylene Moreira buscam com base os aportes teóricos da Nova História Política, dos Estudos feministas e das epistemologias negras, as autoras analisam como na e pós-pandemia da COVID-19 e no governo Bolsonaro, o Grupo Lélia Gonzalez buscou formar pessoas a fim de compreenderem as lutas luta antirracista, feminista, anticlassista e em Direitos Humanos. O Grupo dialogou sobre questões de raça, gênero e classe na universidade e com a comunidade externa, representantes de movimentos sociais e/ou da sociedade civil.

Já em *“Greve de mulheres em Abya Yala: desafios para a mobilização transformadora”* as autoras Aline Accorssi, Cristiane Troina Ferreira e Livian Lino Netto retomam a trágica história de Lucía Pérez na Argentina, que foi drogada, estuprada, empalada e morta por três homens. Deixaram-na em um hospital alegando que havia tido uma overdose de cocaína. Esse feminicídio ocorreu na mesma semana em que acontecia no país o Encontro Nacional de Mulheres de Rosário. A violência dessa morte foi o estopim para desencadear uma reação coletiva de mulheres, não só na Argentina, mas em todo mundo. Sob o lema *“Ni una a menos! Vivas y libres nos queremos!”*. Conectando fatos também ocorridos no Brasil, a proposta desse texto é refletir acerca dos desafios do movimento de mobilização de mulheres que, embora tenha se transnacionalizado, precisa sensibilizar um maior número de pessoas a fim de construir uma rede com potência capaz de transformar a realidade.

Por último, *“Pedagogias feministas críticas na universidade: redes para ações de mudança”* a autora Paola Bonavitta apresenta uma discussão nascida na Universidade Nacional de Córdoba, no contexto da Rede de Pesquisa sobre Diferenciais de Gênero no Ensino Superior Ibero-Americano da Universidade de Alicante. A partir de uma metodologia ensaística, e recuperando suas experiências e pesquisas em La Red, abordam a urgência de pedagogias feministas críticas a partir de um Sul global.

Essas são algumas das questões que contribuem para refletir sobre o que temos feito em cumplicidade no processo de criação e consolidação de redes para pensar o nosso presente e imaginar o futuro nos nossos vários contextos em Abya Yala.

Situamos que entendemos redes de ação social como instâncias que interligam pessoas e grupos, gerando agendas que implicam no compartilhamento de informação, conhecimento, recursos e serviços. Além disso, têm ou aspiram um determinado alcance seja local, regional

ou/e internacional. A partir desse movimento, as redes estabelecem seus modos de conexão, sejam estes virtuais e/ou presenciais, e criam pontos de encontro, formas de ligação dentro e fora destes. Isso tem um impacto na Educação formal e não formal, abrindo assim novas agendas e desafios que são compartilhados, debatidos, sistematizados e colocados em Práxis (FREIRE, 2001) no cotidiano ordinário (GEBARA, 2000) de cada integrante dessas redes.

O caminho que percorremos na luta nos permite pensar e construir de forma coletiva, permite que trilhemos o caminho da transformação e da ternura, como nos aponta bell hooks (2017). Contextualizar esse movimento de resistência na América Latina é pensar e refletir a partir de nossas próprias experiências e “escrevivências” (EVARISTO, 2017).

Isso posto, dialogar a respeito das redes feministas nos remete à compreensão de que vivemos e recriamos a vida e nossos modos de pensar e fazer Educação em diferentes situações em Abya Yala.

Neste dossiê estão reunidos nove artigos, com 21 pesquisadoras de 4 países: Argentina, Brasil, Colômbia e México. Todas aqui são mulheres e feministas comprometidas com as lutas para um novo mundo. Salientamos que estão aqui representadas 3 das 5 regiões do Brasil, sendo estas: Sul, Sudeste e Nordeste. Também contamos com 17 instituições de Ensino e Pesquisa.

Sigamos em rede!

Organizadoras

Amanda Motta Castro
Universidade Federal do Rio Grande/FURG

Mónica Cejas
Universidad Autónoma Metropolitana - Xochimilco

Referências:

CASTRO, Amanda; CAETANO, Marcio. **Dilma Rousseff: as eleições e a lógica androcêntrica na política brasileira.** REVISTA ÑANDUTY, v. 6, p. 23-45, 2018.

CASTRO, Motta Amanda; PIRES, D. O; MOREIRA, R.; SOARES, J. **Mulheres Insubmissas: a formação do Grupo Lélia Gonzalez.** In: Gabriela Medeiros Nogueira; Gustavo da Silva

Freitas; Magda de Abreu Vicente. (Org.). Programa de Pós-Graduação em Educação da FURG: retratos de 10 anos de história. 1ed. Curitiba: CRV, 2023, v. 1, p. 149-161.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pllas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 50^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GEBARA, Ivone. Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.